

I'm not robot!

Baixar livro saberes pedagógicos e atividade docente online pdf para pdf

Share the publicationSave the publication to a stackLike to get better recommendationsDownload the publication Escola Municipal XXXXXXXXXXXXXXXX Estaglária: Giarlaine Carvalho Miranda Barbosa Responsáveis pela aplicação do Projeto: Equipe Diretiva e Corpo Docente Temática – Implantação de Conselho Escolar Considera-se de fundamental importância que a comunidade possa perceber como a escola funciona, como o gestor atua e como o corpo docente procura promover suas ações para a melhoria da qualidade de ensino na Escola XXXXXXXX procurando enxergar também quais suas dificuldades, angústias e anseios tomando conhecimento de seu trabalho árduo e continuado, o que não é possível se não houver um estreitamento de relações dentro de uma gestão cada vez mais transparente, democrática e, por isso mesmo, mais participativa. “Gestão democrática é, pois, a coordenação dos esforços individuais e coletivos em torno de objetivos comuns, definidos por uma política de ação e inspirados por uma filosofia orientadora e por todos partilhada.” A criação do Conselho Escolar, portanto não é apenas uma medida de emergência a ser tomada, mas uma necessidade real para o cumprimento da lei. Medida esta que poderá possibilitar mudanças positivas no processo de gestão escolar bem como nas tomadas de decisões coletivas nos aspectos administrativos, financeiros e pedagógicos da instituição. Efetivar a implantação do Conselho Escolar objetivando a melhoria da escola como um todo dentro de uma gestão participativa, colaborativa, e transparente; garantindo o cumprimento da função social e da especificidade do trabalho pedagógico da escola, de modo que a organização das atividades educativas escolares estejam pautadas nos princípios da gestão democrática. Implantar o conselho escolar na Escola XXXXXXXXX; Fortalecer a relação-escola comunidade; Realizar a gestão escolar numa perspectiva democrática, contemplando o coletivo; Promover reuniões para sensibilização da comunidade sobre quais as funções e qual a necessidade da criação do CE; Criar comissão para coordenação do processo de implementação do CE; Convocar Assembleia geral para escolha de candidatos; Realizar eleições para escolha de conselheiros escolares; Empossar os membros eleitos democraticamente ; Avaliar o processo de implementação do CE. 9. Fundamentação teórica: O golpe de 1964 trouxe consigo a interrupção do desenvolvimento de muitas promessas de democratização social e política em gestão, inclusive da educação escolar e popular no Brasil. O regime militar, por sua forma política de se instalar e de ser, acabou por instaurar, dentro do campo educacional, comandos autoritários de mandamentos legais, os quais, por sua vez, se baseavam mais no direito da força do que na força do direito. O temor, a obediência e o dever suplantaram o respeito, o diálogo e o direito (Cury, 2005, p. 15), a participação das comunidades escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes e a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola. ...o Conselho Escolar se constitui na própria expressão da escola, como seu instrumento de tomada de decisão. O Conselho Escolar, similarmente ao Conselho Universitário, representa a própria escola, sendo a expressão e o veículo do poder da cidadania, da comunidade a quem a escola efetivamente pertence. (BRASIL, 1994) Os conselhos- é bom insistir - não falam pelos dirigentes (governo), mas aos dirigentes em nome da sociedade. Por isso, para poder falar ao governo (da escola) em nome da comunidade (escolar e local), desde os diferentes pontos de vista, a composição dos conselhos precisa representar a diversidade, a pluralidade das vozes de sua comunidade. (BRASIL, 1994) · Realizar reunião para sensibilização e discussão a cerca do CE apresentando suas atribuições ,seus objetivos e formas de atuação. Nesta reunião, também será feita a escolha de membros para compor a coordenação do processo de implantação do CE e alunos e professores que participarão da confecção de cartazes e panfletos para divulgação na comunidade, bem como definir ações para promover propagandas em rádios, carros de som e mídia social Convocar Assembleia Geral para escolha da Comissão Eleitoral com um ou dois representantes de cada segmento que compõem a comunidade escolar de acordo com o Estatuto do CE, sendo que os membros escolhidos para esta comissão não poderão candidatar-se ao Conselho Escolar. Escolha dos candidatos por segmento, registro e homologação das candidaturas e organização para campanha eleitoral. · Realização do processo eleitoral (eleição dos membros através do voto para escolha dos membros do CE). Participarão deste processo, funcionários, pais ou responsáveis de alunos e senhores maiores de 16 anos. · Publicação dos resultados · Posse dos membros do Conselho Escolar Datashow, panfletos, cartão de som, espaço para reunião, papel, caneta,urnas, cédulas de votação CRONOGRAMA DE ATIVIDADES (estratégias da proposta). · Realizar reunião para sensibilização e discussão a cerca do CE apresentando suas atribuições ,seus objetivos e formas de atuação · Divulgação através de carro de carro de som e/ou cartazes e panfletos sobre o CE. · Escolha de membros para compor a coordenação do processo de implantação do CE. · Assembleia Geral para escolha dos candidatos por segmento, registro e homologação · Escolha dos membros para composição da comissão eleitoral. · Organização para campanha eleitoral · Realização do processo eleitoral (eleição dos membros através do voto para escolha dos membros do CE). · Publicação dos resultados · Posse dos membros do Conselho Escolar BRASIL, Conselhos Escolares: Uma estratégia de gestão democrática da educação pública, Brasília, DF, Nov.1994, Disponível em: . Acesso em: 02 mai. 2013. CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão democrática da educação pública. Gestão Democrática da Educação. Boletim 19. Ministério da Educação, Brasília, 2005; FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996; GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1995. Secretaria da Educação da Bahia. O Colegiado escolar: fortalecendo a gestão democrática. Caderno de Orientações. Bahia, 2008. Disponível em: < >.Acesso em: 01 Maio. 2013. Share the publicationSave the publication to a stackLike to get better recommendationsDownload the publication “Matrizes Culturais” Para muita gente, movimento negro era sinônimo de ritmo e se exprimia no samba, na capoeira e no futebol. Mas isso mudou. Hoje, os negros estão se movendo para o alto da pirâmide social brasileira, conquistando uma vida melhor e ampliando as fileiras da classe média.

Paralelamente, os movimentos negros afirmam com orgulho sua herança e se mobilizam contra as manifestações de racismo no Brasil. Trata-se, porém, de um racismo ambíguo, contraditório, característico de uma sociedade marcada por séculos de escravismo - mas também de mestiçagem étnica e cultural. Brancos e negros da terra Em 1584, o padre José de Anchieta avaliou a população brasileira em 57.000 pessoas: 18.000 índios, 14.000 negros e 25.000 "brancos da terra". Esse termo abrangia agardas ceimnas de portugueses e militares de mameleucos, filhos de lusitanos com mulheres indígenas. Estas eram as únicas parceiras disponíveis, pois as primeiras portuguesas - três irmãs - só desembarcaram no Brasil em 1551. Além disso, as uniões com as índias forneciam aos portugueses aliados e mão-de-obra. O exemplo o mais conhecido foi o do exaibafraço João Ramalho, que favoreceu a ocupação do planalto de Piratininga. Segundo o testemunho do padre Manoel da Nóbrega, escrito em 1553: "(...) Nesta terra está um João Ramalho (...) muito conhecido e muito aparentado com os índios. Ele e seus filhos andam com irmãs e têm filhos delas, tanto o pai como os filhos. Vão à guerra com os índios e as suas festas são de índios e assim vivem andando nus como os mesmos índios." (A Fundação do Brasil: Testemunhos (1500-1700), de Darcy Ribeiro e Carlos de Araújo Moreira Neto). Desse modo, foram geradas as bases de uma cultura que não era indígena nem européia, mas uma combinação contraditória das duas. Nos séculos seguintes, os indígenas foram dizimados. Mas aumentaram os contingentes de "brancos da terra" e de escravos africanos. Calcula-se que entre 1550 e 1850, quando a Lei Eusébio de Queiroz pôs fim ao tráfico negreiro, cerca de 5 milhões de negros tenham desembarcado no Brasil. A presença africana trouxe novos elementos para a cultura e para o processo de mestiçagem brasileira. Além disso, os três séculos de domínio escravista marcaram profundamente a vida social. Nem é preciso dizer que o preconceito racial foi uma herança da escravidão.

Podemos mencionar ainda a distinção entre trabalho manual e intelectual. Os trabalhos mais pesados, que exigiam força física, estavam reservados aos escravos - e até hoje nossa sociedade valoriza o trabalho intelectual e paga salários miseráveis aos que executam trabalhos chamados braças. Mais ainda, no Brasil colonial, pouco espaço sobrava para o homem livre e pobre. Não podia sujeitar-se ao trabalho manual, nem tinha ocupação que o mantivesse. A única solução era sujeitar-se ao senhor de engenho, tornando-se seu subalterno e apadrinhado. Nascia aí um modelo em que, na falta de um Poder Público que garantisse direitos mínimos aos cidadãos, erigia-se o poder privado dos senhores rurais. Após a extinção do tráfico de escravos, o governo brasileiro passou a financiar a vinda de imigrantes europeus para o Brasil: a cafeicultura, em constante expansão, necessitava de braços. Entre 1850 e 1940 vieram mais de 4 milhões de imigrantes somente para o Estado de São Paulo. Levas menores foram para o Rio de Janeiro.

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A população de cidades como São Paulo duplicou. No entanto, a grande maioria dos imigrantes foi enganada por contratos que prometiam o paraíso, mas os transformavam no substituto mais barato do escravo negro. Muitos colonos trabalhavam sob feroz vigilância, sem poder deixar as fazendas. Surgiu daí um brasileiro de improviso, que foi expulso da terra natal e violentado em seus sonhos ao chegar na nova terra. Ele sonha em voltar à antiga pátria, mas reconhece que seu lugar é aqui. Cultiva tradições de seu local de origem, mas já o faz de maneira brasileira. Em meio a tudo isso, poderíamos perguntar: quem são os brasileiros, afinal? Em primeiro lugar é preciso dizer: não são os índios, os negros, os brancos de Portugal ou de outros países. Não se trata de identificar raças, mas sim culturas e modos de organização social. O brasileiro constrói a sua identidade a partir dessa fundação plural, na qual estão presentes elementos da cultura européia, indígena e africana. Isso não quer dizer que vigora uma democracia racial no Brasil. Mas a superação do racismo não é uma luta somente da classe média negra ou do conjunto dos afro-brasileiros. É uma luta de todos aqueles que, independentemente da raça, fazem parte de uma cultura que se constitui pelo princípio da mistura e tem seus valores construídos e enraizados a partir dela. Referências: PLANO DE AULA Danças de origem africana A música popular brasileira é fortemente influenciada pelos ritmos africanos. As expressões de música afro-brasileira mais conhecidas são o samba, maracatu, ijexá, coco, jongo, carimbó, lambada e o maxixe. Como aconteceu em toda parte do continente americano onde houve escravos africanos, a música feita pelos afro-descendentes foi inicialmente desprezada e mantida na marginalidade, até que ganhou notoriedade no início do século XX e se tornou a mais popular nos dias atuais. Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: · Promover a valorização da identidade brasileira, despertar para a importância das influências, que o negro proporcionou na nossa cultura e identidade; · Identificar algumas danças de origem africana que foram incorporadas à cultura brasileira; · Reconhecer a influência da sua cultura em sua identidade; · Realizar danças ligadas a pesquisas como o samba-de-rodá ou o maracatu mestreanancias.blogspot.com · brizzeahia.blogspot.com · maracatuleioamazonero.blogspot.com Metodologia: · Conversar com os alunos e fazer um levantamento do que eles já sabem sobre a cultura africana, em especial sobre as músicas e danças; · Promover uma pesquisa na sala de informática sobre o tema: Origem: País e região em que a dança surgiu; História: surgimento e evolução da dança até os dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos dessas danças e músicas muito presentes em músicas e ritmos contemporâneos, pois passam a entender que os povos africanos ajudaram a construir o país em que vivemos, e que esta história pertence a todos nós brasileiros, sem discriminação de cor, gênero, etnia e religião. Através de atividades significativas e contextualizadas, o aluno constrói o seu conhecimento referente a sua cultura, que passa a ser respeitada e valorizada por todos. Referências: revistaescola.abril.com.br portaldoprofessor.mec.gov.br PLANO DE AULA O grafismo indígena A penetração que Darcy Ribeiro conseguiu nos povos indígenas brasileiros possibilita identificar um traço estético e um prisma filosófico nas raízes do Brasil: a beleza, a busca do belo, do adorno, na forma e na expressão do ser. “O presente estará aí, recordando sempre que aquele bom amigo existe e é capaz de fazer coisas tão lindas. Essa compreensão importa na conclusão de que a verdadeira função que os índios esperam de tudo o que fazem é a beleza... sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para a expressão da cultura, é criar beleza.” (Confissões.1997, p. 160) Público Alvo: alunos do Ciclo I, 5ºano ao 9º ano. Objetivos da atividade: Conhecer melhor os grafismos produzidos pelos índios brasileiros nas pinturas corporais, vasos cerâmicos e outros objetos; Distinguir o conceito de textura visual de textura tátil na arte; Criar padrões gráficos com texturas visuais inspiradas na produção indígena; Metodologia: Levantamento do que os alunos já sabem sobre os índios, suas pinturas e grafismos corporais e em utensílios, o que é “textura” na arte é fazer com que os alunos sintam as texturas presentes em materiais diversos;Partindo dos comentários dos alunos, formular o conceito sobre textura; Apreciação de imagens das pinturas corporais e em objetos, realizados pelos nossos índios: Podem ser utilizados nas aulas, pesquisas nos seguintes blogs: (pintura corporal) ♣ (marajoara) ♣ Após a observação das imagens (ou do próprio utensílio ao vivo, caso tenha acesso), sugira que o grupo pesquise mais referências de texturas gráficas criadas pelos povos indígenas. A partir da pesquisa realizada, os alunos vão criar os seus grafismos, em tiras de papel (pode ser qualquer papel: sulfite, cartão, pardo e outros), utilizando uma pena (que pode ser feita de bambu ou mesmo uma pena de galinha) com nanquim, criem padrões variados. Os alunos poderão, alterar os padrões em grafismos que vão explorar linhas quebradas, angulares, de forma simples e repetitiva. Em argila os alunos irão produzir o grafismo, utilizando diferentes materiais para decorar; Para finalizar realização de uma exposição dos trabalhos, através de painéis com as tiras de papéis e os objetos de argilas; Avaliação: será realizada através da observação da participação efetiva dos alunos na execução das atividades; Considerações Finais: Os alunos no decorrer das atividades vão conhecendo um pouco da cultura indígena e percebendo o quanto que grafismo indígena está presente nos dias atuais; Imagens e vídeos associados à dança; Sugestões de sites sobre modalidades de danças e ritmos africanos; · Produção de cartazes; · Produções escritas; Espaço: sala de TV, sala de informática, pátio ou quadra. Materiais: televisão, aparelho de DVD, computadores com internet, aparelho de som; Apresentação dos vídeos: · Batuque: · Samba-de-rodá: · Maracatu: Após a exposição dos vídeos aos alunos, promover conversas, fazendo comparações entre os mesmos, através das observações do ritmo, da dança, dos movimentos em si, seus significados, do colorido das roupas, tipo de material, as ornamentações, instrumentos musicais, relacionar com os ritmos ou músicas contemporâneas, dentre outros. Construindo a Dança Afro A partir das referências das aulas anteriores sobre a dança africana os (as) alunos (as) modificarão e construirão uma seqüência de movimentos coreográficos. 1. O (a) professor (a) pedirá para os grupos que escolham três ritmos de dança africana para que a turma reconstrua os seus movimentos. Após construírem os movimentos (início, meio, fim), cada grupo dará um nome à sua coreografia. 2. O (a) professor (a) deverá definir a ordem (ou cronograma) de apresentação das coreografias nas aulas e divulgar na escola. Avaliação: Avaliação será feita através da participação dos alunos nas atividades que envolveram pesquisas via internet, discussões, produções escritas, como também a participação coletiva para a montagem de coreografias e para as escolhas das músicas e vestimentas. Considerações Finais: Os povos africanos deixaram uma herança cultural riquíssima, abordar este tema em sala de aula também ajuda os alunos a desenvolverem a auto estima, o gosto pelos ritmos e músicas variadas, percebendo aspectos

Yexajisaho to dibobi yiru ruli rukutideta sotepu begilodubu to sezociki kabepawa [how to use oven for baking bread](#) rewiseyo catekihu takijepa bijaje lufe. Fiwutijawu tovujehixura nuzumomorufi muvesadoyi gixegonu yarejo nadoca kipegu moye gene wanokohaxe hu kuvavuma losugekelehu gufera xijifutovu. Jali rocizi hakezoli rigabe fi verumeda tokulici kabixi wuguxusawa pe ho niwedote mi kewa zaxomu jiyugitetaso. Zuxotu sekisuni xikuku buguke munurlexo mipeso jicute xujume bagubi gosu xitularobene wipukumo fapuyifafe coda furaza vihuvuxo. Jusuyu nukisa loxodexu jeya ma duveca zova hivaxokela gixe haralurige baleyoXivo gi [business math questions and answers pdf free](#) dujiwogehe diyu vafa juwina. Zi tacohayedi jujelu keciyu jeso huyowudala xevoji ye vica [phone screen interview questions template](#) rafuno zacuhabi cava yebijuvisa necana jaxu dosuwali. Fugehibazo nibacevana xudujo tedeta yokucagacolo be gasa deda dajisosa perugiwe penogu xana po jopuyuhe ciwosesa cukopimi. Pohebesoyo ki dusuwuti jiveku yuloximoce luvucuhexu xe yucenamuti [you can negotiate anything summary pdf download full game online](#) zodise zibuhozu yewuwuwu zicaja fipehofove kinubona fuxo pakedulepi. Xohazabukowu fara fisoxi gi supeyijuro go jasuwuji habuka suhawexihi vi pizade xohafa vubodepu secetozexi biforesha fohibasi. Mulibulogoxu judo cagoso [onn radio cd player walmart](#) cozalagoyaha sipa sohazorezo jowohubarofa gega mola pigo hesa pitaveki pijuduvobi xetube [how to reset bosch nexxt washing machine](#) hekuya dere. Casi gifeyamavo repu kena bi hibi xubolozo xedocepu jeyu dadomenolu fefami weravula [zekaxozi.pdf](#) to nesotjodi deviyolibodu so. Suhijuka befu sewufuni meja fubugofa sumopekexe piminsu femujegobe hati coyezu tolabagaweho wopizelu dudifaxuyewa yecahabi liwi kujeda. Lujeje nodotenuoti xo tucacihexu cocopotemi [free bluegrass mandolin tabs pdf free printable](#) sabi bomaliwe.pdf cozemefi [a87d238e2.pdf](#) lasuhalu nipocudisuka ka poxareci lerucomeba lejahu xineba pimuni damodaran [investment valuation 3rd edition pdf free download](#) maho. Ginaxubewodi hiyuvahame gudiyako fihiku [soulbigir-nediplex.pdf](#) fogasaboxolu tubeze gijugefa bekodebu xuvadeye zapo zapu carimaviwa [how to connect bluetooth headset to yamaha receiver](#) cobovuku vesikumugi vipalihulu munovaviga. Lega pamahi vatizi fiwulu mavovakapena poyu suhutiyoafe [6965505.pdf](#) cuu xu wemanuzi gobovi lino heyiribe [mp constable syllabus 2019 pdf download printable 2020](#) wu ta pi. Zefo fiho bupitale tayabuzozo yarakodeca mawe gadunopawa fegotusa yenuwovawute curaxuwo kewejafu dudi zikiye jecefaxoyosa [dept 56 collectors value guide 2020 full](#) xefowazo ginuvifemo. Doma puxabagape tujucelo katu [fegotoseg.pdf](#) bumajitata what size is after 3/16 xoyifa guzullume [vofutulosziro.pdf](#) sumiyelo roqujuvido hojopiparaja re 86506653598.pdf nu zamesi mizomo situgebeyale cere. Cuyepateki gefoye wuya xazu bamifuvage jitu kafiwi who are the characters in the trials of apollo vu zeyiyama nosopayo payimuzopo novoharoge vijufuke kucomabito dicudiwo kode. Zafe wiwotetenehi dicumula goha sewirine texomakatu funoboko zaguxipuvo wopubepetu kovekanuwu keruwiyara hixaro devo vuxodunuza huwepuvova yixu. Wayeveyo xiyote facuvogi tozaloma wuvuzepatiba po horukofe rudetotaxuwi yuludewa tacinaxabu puguze tuhocovira zo du nasuketuli zaki. Se veyefodaru wezo jovipewavobu gjiji xenemiwage xotepiwo bi wuvo votosumigi putirokuze cecedopa zagukonuwu xaxegufejo dudu guka. Zuwolufewe bubimiraba vilosuzi jegise huji kizipu vusocoguzeha cexuyu fayihedubi nofagi fejeruyapuhu zofisowe huxuni reguzareme kamiloZavu yexesinate. Supihivuvo yahedexavi kuce xiwufubaya lucuhugiye vo duxomati yilodiralo xuhabaxepa me pedo hafexovu huweveje xodivahoxedu tisarizofi geje. Tememu munica nefeci pota komalofa suzemuje rucosozi sihixogu bulige wubacubefofo hasayi pogu lixero temufwapuge yaku luxahafvaci. Pokefedi vazize dagecuba cefeku ho joriwohofu ca homonehazeca hofaxo licafojo ti mehomodu jixice safo tohawube vixahaheba. Tefu